

2

Alfabetização: Um Desafio de Milhões

Coleção
Círculos de Formação



E
J
A

2001 - 2004

MOVA-SP

Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos
do Município de São Paulo

COLEÇÃO CÍRCULOS DE FORMAÇÃO - CADERNO 2
ALFABETIZAÇÃO: UM DESAFIO DE MILHÕES

Este caderno foi elaborado pela Secretaria Municipal de Educação (SME) de São Paulo - Divisão de Orientação Técnica da Educação de Jovens e Adultos (DOT-EJA), com assessoria pedagógica da Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação, em parceria com as Equipes da EJA das Coordenadorias de Educação da SME.

Coordenação Editorial

Marta Andrea Catalani

Texto

Cláudia Lemos Vóvio

Vera Masagão Ribeiro

Colaboradores

Márcia Cristina Oliveira

Maurilane Souza Biccas

Orlando Jóia

Edição

Marques Casara

Revisão

Comissão Editorial da DOT-G

Projeto gráfico

Rabiscos

Capa

Conceição Ap. B. Carlos

Joseane Alves Ferreira

Mariangela

Fotografia

Nivaldo Honório da Silva

Direitos autorais

Secretaria Municipal de Educação de São Paulo

Apresentação

Alfabetizar jovens e adultos na perspectiva da qualidade social da educação tem sido um dos desafios da Secretaria Municipal de Educação (SME) de São Paulo nesta gestão (2001-2004).

A reconstrução do Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos (MOVA-SP) se coloca como uma das estratégias para lidar com esse desafio. Para isso, partiu-se da experiência positiva ocorrida na gestão 1989-1992 e da constatação da existência de um grande número de pessoas jovens e adultas pouco ou não alfabetizadas na cidade de São Paulo.

Neste processo de reconstrução estiveram sempre presentes nas ações de atendimento da demanda de jovens e adultos a serem alfabetizados, a concepção de educação como direito para toda a vida e também a formação de educadores, acreditando que esta se faz no processo e dela depende a qualidade do trabalho.

Apresentamos aos parceiros do MOVA-SP a **Coleção Círculos de Formação**, concebida como subsídio e apoio à ação alfabetizadora desenvolvida no âmbito do MOVA-SP e que teve origem a partir do registro e da sistematização das reflexões e das ações desenvolvidas pelos educadores do MOVA-SP e construída conjuntamente pela Divisão de Orientação Técnica da Educação de Jovens e Adultos (DOT-EJA), equipes de EJA das Coordenadorias de Educação e assessorias pedagógicas.

A **Coleção Círculos de Formação** é composta por seis cadernos e traz desde os princípios e concepções que sustentam o programa, passando pelo caminho a ser trilhado - sempre intencional - e contemplando os principais temas conceituais trabalhados na formação de monitores e coordenadores do MOVA-SP (alfabetização e letramento, matemática na EJA, metodologia e suas implicações na prática educativa e a importância do registro no trabalho dos educadores e educadoras), até o relato da I Semana de Alfabetização ocorrida em setembro de 2002, realizada em comemoração ao primeiro ano de reconstrução do MOVA-SP.

Este caderno abarca um conceito amplo de alfabetização, identificado com a idéia de letramento e traz também orientações sobre o processo de aquisição da linguagem escrita por jovens e adultos.

*Divisão de Orientação Técnica da
Educação de Jovens e Adultos
DOT-EJA*

Um desafio de milhões: orientações para quem alfabetiza

1. Um desafio de milhões	5
2. Alfabetização: sobre o que estamos falando?	8
3. Alfabetização: uma questão só de método?	11
3.1 O que as pessoas não alfabetizadas sabem sobre a escrita	13
3.2 O que é preciso saber sobre o funcionamento da escrita	15
3.3 O que esperar do programa MOVA	17
4. As situações de aprendizagem na educação dos jovens e adultos	18
4.1 Orientações didáticas para ensinar a ler	20
4.2 Orientações didáticas para ensinar a escrever	22
5. Para saber mais	24
6. Referências	27

1. Um desafio de milhões

Alfabetizar e garantir educação básica a todos os brasileiros é um imenso desafio. Apesar de esse direito ter sido estabelecido pela Constituição de 1988, 13,6% dos brasileiros com 15 anos ou mais são considerados analfabetos; 17,9% frequentaram menos de quatro anos de escola (IBGE, 2000).

- No Brasil, mais de 16 milhões de pessoas não sabem ler e escrever, nem mesmo um bilhete simples. Isso equivale à população de Minas Gerais, o segundo estado mais populoso do país.
- Cerca de 39 milhões de jovens e adultos têm menos de quatro anos de escola, ou seja, ainda não alcançaram um domínio da leitura e da escrita que seja suficiente para a plena inserção na sociedade.

Somados, os dados acima correspondem a 1/3 da população brasileira.

A maior concentração de jovens e adultos com pouca ou nenhuma escolaridade está nos centros urbanos. Na cidade de São Paulo, por exemplo, cerca de 400 mil pessoas são consideradas analfabetas. Esse número equivale a nove vezes a capacidade do estádio do Pacaembu.

Até hoje, uma grande parcela da população brasileira não teve acesso às aprendizagens necessárias para viver em uma sociedade complexa como a nossa. São pessoas que não conseguem, por exemplo, usar a linguagem escrita para se comunicar e obter informações.

São jovens e adultos excluídos da escola. Não puderam compartilhar procedimentos, desenvolver habilidades, ter acesso a conhecimentos socialmente valorizados.

A consequência é que jovens e adultos pouco ou não escolarizados criam estratégias próprias para lidar com as situações que precisam da leitura e da escrita.



Depoimentos

Alguns depoimentos¹ de pessoas excluídas da escola que contam como elas se viram no dia-a-dia:

Roberto tem um comércio e conta como faz para lidar com o livro caixa: “Eu tenho um funcionário que anota tudo, sendo que ele anota tudo direitinho para mim. Ele faz os números, mas o dinheiro está nas minhas mãos. E, quando eu tenho alguma dúvida, eu peço para outro funcionário conferir, aquele que está louco para pegar lugar dele.”

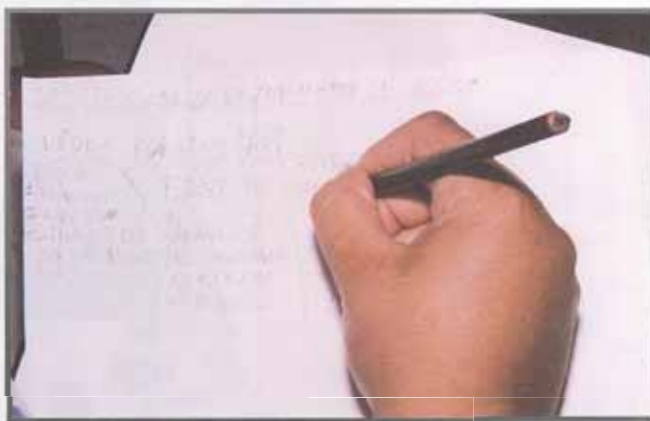
Luzia, faxineira, conta como conseguiu limpar a biblioteca de um médico para quem trabalhava, deixando os livros no mesmo lugar: “Eu não sabia quando um livro estava ou não de ponta cabeça, porque não sabia mexer com as letras. Comecei a abrir os livros, quando tinha uma figura estava salva. Mas tinha que achar um jeito para os outros casos. Depois de olhar daqui e dali, matei a charada. Descobri que quase todas as páginas tinham números na parte de baixo ou no alto, e números eram meus conhecidos.”

Quando precisa escrever uma carta, **Francisca** recorre a sua comadre **Sofia**, que estudou até a quarta série: “Comadre, estou precisando escrever uma carta para minha mãe, lá no Norte”. Nessas ocasiões, Sofia conta que ninguém precisa dar a ela o assunto da carta: “Deus me livre! Eu já sei o que colocar, faço tudo sozinha!”

Amauri supervisiona 14 empregados em um posto de gasolina. Ele conta como atende aos pedidos de materiais de limpeza feitos pelos colegas: “Às vezes quando um pede alguma coisa eu já vou lá e pego aquela coisa que fica guardada no depósito. Se passar um pouco de tempo eu lembro também. Eu lembro de cabeça. Eu nunca esqueci porque eu coloco na cabeça logo para não esquecer.”

Nos últimos anos, acordos internacionais e planos educativos uniram governos e sociedade civil para enfrentar o desafio de garantir o direito à educação para todos.

A educação de jovens e adultos é uma das vias indicadas para fazer frente à exclusão e à desigualdade social. É considerada como fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e democrática. É uma das maneiras eficientes de assegurar os direitos humanos, a participação cidadã, a valorização da diversidade cultural, a não-discriminação, a solidariedade entre os povos.



Atividades

A ESCRITA NA SOCIEDADE MODERNA

Vivemos em uma sociedade moderna, industrializada e burocratizada. A escrita é um dos principais meios usados nas relações entre as pessoas. Ela produz e registra conhecimentos e informações; promove o acesso e a interação com a cultura.

Você já reparou na quantidade de textos escritos que povoam a sua vida? Quantas vezes, em um único dia, você se depara com letras e números?

Faça um exercício:

- relacione todas as atividades que fez ontem.
- do total de atividades, em quantas você precisou ler um texto escrito? Em quantas teve que escrever algo?

Percebeu a importância da escrita na nossa vida?

No caso das pessoas que não sabem ler ou escrever, como elas se viram? Como participariam de maneira efetiva da vida em sociedade?

Imagine como deve ser o dia-a-dia dos milhares de paulistanos que não sabem ler e escrever.

Como fazem para se locomover, obter documentos, fazer compras, procurar trabalho, saber os preços de produtos e conhecer as decisões tomadas pelo governo? Como fazem para acompanhar o estudo dos filhos?

Converse com um educando ou com alguém que não tenha aprendido a ler e escrever. Descubra como essa pessoa lida com situações em que a escrita se faz presente.

Anote o depoimento e escreva suas conclusões sobre como as pessoas sem escolaridade vivem em sociedades letradas.

Mais tarde, a partir da leitura dos textos que seguem, você poderá voltar às suas conclusões e modificar ou ampliar o que achar necessário.

2. Alfabetização: sobre o que estamos falando?

Durante muito tempo, achava-se que uma pessoa estava alfabetizada quando sabia escrever seu nome e ler algumas palavras ou pequenas frases.

Essa concepção orientou a maioria das campanhas de alfabetização de jovens e adultos em todo o mundo. Acreditava-se que, num par de meses, a aprendizagem de letras, sílabas e palavras deixaria a pessoa pronta para usar esse instrumento em seu cotidiano.

Mas a realidade se mostrou bem mais complexa. A maioria dessas campanhas de alfabetização de adultos resultou em fracasso². Encerrada a campanha, os educandos retomavam suas atividades e, em outro par de meses, simplesmente esqueciam o que tinham aprendido. Sem o uso freqüente e a aprendizagem continuada, voltavam ao analfabetismo.

Mas esse modo de conceber a alfabetização está ultrapassado. Hoje, pesquisadores e educadores usam um conceito mais amplo, o chamado *letramento*. O *letramento* refere-se não apenas ao saber ler e escrever, mas principalmente ao saber usar a leitura e a escrita em diferentes situações. Trata-se do conjunto de práticas sociais de uso da escrita.

Nesse modo de conceber a aprendizagem, transpor o analfabetismo significa que a pessoa sabe o que é a escrita, como ela fun-

ciona e para que é usada. O cidadão alfabetizado incorpora e faz uso da escrita em sua vida, de maneira adequada e freqüente.

Essa maneira de entender a alfabetização tem importantes implicações na educação de jovens e adultos. Ocorre, a partir desse novo entendimento, uma ampla revisão dos objetivos da alfabetização.

A meta não é simplesmente ensinar o bê-á-bá, ou seja, a decodificação das letras. O objetivo é também ensinar para que serve a escrita e como ela pode ser usada. O processo de alfabetização deve compreender não apenas a apropriação do sistema alfabético, mas também a vivência da escrita nas mais variadas situações.

Em nossa sociedade, a escrita é empregada com diversos objetivos, por exemplo:

- para nos comunicarmos com pessoas próximas quando deixamos um recado antes de sair de casa;
- para contarmos amigos, parentes ou pessoas distantes, ao escrever uma carta ou e-mail;
- para comunicarmos algo a alguém que não conhecemos, quando escrevemos para um jornal ou para a seção de reclamações de uma empresa.



A escrita também é um importante apoio à memória quando preparamos, por exemplo, uma lista de compras, quando agendamos o pagamento de nossas contas, quando organizamos as tarefas do dia ou da semana.

Precisamos da leitura para encontrar um número de telefone, para descobrir o horário de funcionamento de uma repartição pública, para encontrar ou lembrar os ingredientes de uma receita.

Podemos usar a escrita para controlar nosso orçamento doméstico, para registrar o número de peças produzidas pelos trabalhadores de uma fábrica.

Através dela, também acompanhamos as notícias e os acontecimentos que afetam a vida da cidade, do país. A leitura de jornais, livros e revistas é fundamental para desenvolvermos nossas opções políticas e culturais.

Podemos também ler ou escrever apenas para nos distrair, para desabafar, para sentir emoção ou reafirmar nossa fé religiosa. Por meio da leitura podemos ainda nos apropriar de conhecimentos e compartilhar de práticas culturais. Lemos para aprender e para produzir conhecimentos, e ao realizar tais práticas, em diferentes âmbitos, interagimos com outras pessoas.



Cada uma dessas práticas envolve diferentes comportamentos e modos de interação entre as

pessoas. Implica o uso de diversos tipos de textos e de operações mentais relacionadas à leitura e à escrita. Há poucas semelhanças, por exemplo, entre ler em voz alta um trecho da Bíblia e consultar a lista de preços de uma loja.

São enormes as diferenças entre escrever uma carta à pessoa amada e redigir um orçamento dos materiais que serão usados em uma obra.

Em nossa sociedade, alfabetizar-se significa introduzir-se nessa diversidade de práticas de leitura e escrita. Significa criar vínculos com todas as variedades de textos, não apenas com a “carta do ABC”.

Para uma pessoa tornar-se de fato um usuário da escrita é preciso mais do que o conhecimento dos códigos, das letras e dos números. É preciso experimentar um amplo conjunto de situações nas quais a leitura e a escrita são necessárias.

É preciso enfrentar os desafios e as descobertas que aparecem para todas as pessoas que usam a escrita. A cada dia surge uma novidade, um obstáculo, uma sensação proporcionada pelo complexo e maravilhoso ato de ler e escrever.

Também é preciso cultivar atitudes favoráveis ao uso da escrita: o interesse pelas informações, pela aprendizagem, pela ampliação do universo comunicativo. Trata-se de uma nova forma de planejar e controlar a própria vida, seja no campo doméstico ou na relação com a sociedade.

Podemos afirmar, então, que:

- a alfabetização só ganha sentido na vida dos jovens e adultos se eles puderem aprender algo mais que juntar as letras. Eles precisam desenvolver, junto ao aprendizado da escrita, novas habilidades e criar novas motivações para transformar a si mesmos, interessar-se por questões que afetam a todos e intervir na realidade da qual fazem parte.

Atividades

MUITO ALÉM DE LER E ESCREVER

Leia o poema de Kate M. Chong³, estudante norte-americana de origem asiática. No poema, ao refletir sobre sua história pessoal, a autora mostra que o *letramento* não se restringe apenas à capacidade de saber ler e escrever.

O *letramento* tem relação com o desenvolvimento da capacidade de usar os diferentes tipos de textos. Percebemos que ele se dá na compreensão, na interpretação, nas expectativas que motivam o ser humano a ler e escrever.

Após a leitura do poema, elabore sua própria explicação do que é *letramento*. Apresente essa reflexão a um ou mais colegas de trabalho. Juntos, tentem chegar a uma definição comum.

Agora, reflita sobre as atividades de leitura e escrita que você e seus colegas costumam organizar para os educandos. Elas estão em sintonia com o conceito de *letramento*?

O que é *letramento*?

Kate M. Chong

*Letramento não é um gancho
em que se pendura cada som enunciado,
não é treinamento repetitivo
de uma habilidade,
nem um martelo
quebrando blocos de gramática.*

*Letramento é diversão
é leitura à luz de vela
ou lá fora, à luz do sol.*

*São notícias sobre o presidente,
o tempo, os artistas da TV
e mesmo Mônica e Cebolinha
nos jornais de domingo.*

*É uma receita de biscoito,
uma lista de compras, recados colados na geladeira,
um bilhete de amor,
telegramas de parabéns e cartas
de velhos amigos.*

*É viajar para países desconhecidos,
sem deixar sua cama,
é rir e chorar.
com personagens, heróis e grandes amigos.*

*É um atlas do mundo,
sinais de trânsito, caças ao tesouro,
manuais, instruções, guias,
e orientações em bulas de remédios,
para que você não fique perdido.*

*Letramento é, sobretudo,
um mapa do coração do homem,
um mapa de quem você é,
e de tudo que você pode ser.*

3. Alfabetização: uma questão só de método?

As práticas desenvolvidas em um programa de alfabetização de jovens e adultos devem ser coerentes com os objetivos propostos:

- Se o objetivo se restringe à aprendizagem do mecanismo de funcionamento da escrita, os métodos tradicionais – alfabéticos, silábicos, globais – são suficientes.
- Se o objetivo é formar pessoas capazes de usar a escrita para diversos fins, então é necessário que os educandos entrem em contato com textos e práticas reais, que demandam leitura e escrita desde o início do processo de aprendizagem.

No caso da segunda opção, que engloba o conceito de letramento, os educandos não deixarão de aprender como funciona o sistema de representação alfabético. Contudo, irão além dessa etapa, pois também estudarão a organização dos diversos tipos de texto e

quais as características de cada um deles. Terão familiaridade com textos reais e variados desde o início do processo de alfabetização.

Dessa maneira os jovens e adultos terão mais disposição para recorrer a esses textos em outras situações. Terão a oportunidade de desenvolver as habilidades de leitura e escrita de maneira autônoma, a algo que poderá ser usado ao longo de toda a vida.

Durante muito tempo, acreditou-se que para alfabetizar era preciso usar textos artificiais, como os que aparecem em muitas cartilhas. Aos textos “verdadeiros”, o aprendiz só teria acesso quando o processo de alfabetização estivesse avançado.

Mas esse conceito está superado.

Os textos do tipo “Dói o dedo do Dida” ou “Caco comeu o coco” não trazem nenhum benefício. Muito pelo contrário, dificultam a aprendizagem.



Crianças, jovens e adultos em processo de alfabetização trazem consigo um conhecimento do mundo e da própria escrita que não pode ser desconsiderado. Uma proposta educativa afinada com o conceito de *letramento* deve dar aos educandos a oportunidade de usar os saberes que trazem. O processo de alfabetização, com isso, permite que eles mostrem o que já sabem e o que desejam aprender na escola.

Essa é uma maneira de levar em conta as habilidades e qualidades de cada alfabetizando. E isso pode ser feito através de situações de desafio nas quais coloquem em jogo tudo o que sabem para perceber a necessidade de saber ainda mais.

E o que devemos esperar que os jovens e adultos façam com as habilidades de leitura e escrita que acabaram de adquirir?

- Se esperamos que apenas repitam mecanicamente um conjunto limitado de textos, seria mais simples seguir o modelo de exercícios de memorização e recitação apresentado em muitas cartilhas.
- Se esperamos que desenvolvam novas formas de raciocínio, que se interessem pelos fatos do mundo, que transformem a sua condição de analfabetos, que procurem melhorar sua vida e a vida da comunidade, então devemos pensar em um novo modo de alfabetizar. Um modo que incentive a criatividade, o raciocínio crítico, o desejo de aprender, a responsabilidade, o autodesenvolvimento e o desenvolvimento da sociedade.



3.1. O que as pessoas não alfabetizadas sabem sobre a escrita

Nas sociedades modernas, mesmo as pessoas que não sabem ler e escrever têm bastante contato com a escrita. Amigos, parentes e colegas de trabalho sempre estão lendo ou escrevendo alguma coisa: preenchem cheques, tomam nota de recados, lêem jornais, revistas, cartas, bulas de remédio, anúncios publicitários.

As palavras escritas estão por todos os lados: em produtos do supermercado, nas placas de sinalização, nos outdoors, nas lojas, na igreja, nas correspondências.

Esse contato com a escrita, associado à convivência com pessoas que sabem ler e escrever, faz com que o analfabeto tenha idéias sobre como a escrita funciona e para que ela serve. É o que afirma a pesquisadora e professora universitária Magda Becker Soares⁴:

Um adulto pode ser analfabeto, porque marginalizado social e economicamente, mas, se vive em um meio em que a leitura e a escrita têm presença forte, se se interessa em ouvir a leitura de jornais feita por um alfabetizado, se recebe cartas que outros lêem para ele, se dita cartas

para que um alfabetizado as escreva (e é significativo que, em geral, dita usando vocabulário e estruturas próprios da língua escrita), se pede a alguém que lhe leia avisos ou indicações afixados em algum lugar, esse analfabeto é, de certo modo, letrado, porque faz uso da escrita, envolve-se em práticas sociais de leitura e escrita.

De modo geral, ninguém está indiferente à escrita. Muito antes de freqüentarmos a escola, observamos e nos damos conta dos seus padrões, de sua regularidade, dos seus usos.

Muitos jovens e adultos que nunca passaram pela escola sabem distinguir letras e números. Conhecem o nome de algumas letras e sabem escrever seus nomes. Outros pedem para parentes ou conhecidos lerem ou escreverem cartas, avisos e bilhetes. Sabem para que e em quais situações a escrita é utilizada.

Mas como esses conhecimentos não são suficientes, essas pessoas precisam dos educadores para que possam desenvolver a leitura e a escrita com autonomia.

Depoimentos

Uma história de vida

No depoimento, Antonio⁵ conta como aprendeu a escrever. Antes mesmo de aprender os nomes das letras ou saber como funciona a escrita, ele conseguiu perceber as regras que organizam nosso sistema de escrita.

“Quando eu vim pra São Paulo não sabia lê e fui trabalhá na construção, como ajudante. Foi lá que eu senti que precisava aprendê um pouco porque ficá a vida toda fazendo massa e carregando areia não ia dá. Eu nem sabia que tinha escola pra adulto. Mas num sei se ia lá não...

Eu achava uma vergonha ficá exibindo que não sabia. Pensei, então, em aprendê sozinho.

Toda noite pegava num pedaço de jornal que achava na obra ou mesmo na rua.

Fiquei muito tempo só olhando as letras. Foi aí que eu vi que tinha letra que aparecia muito, toda hora aparecia e outras que eram difíceis de aparecer. Uma coisa que eu também vi é que tem letra que não fica no fim das palavras. As do fim eram a, s, o, l, m e algumas outras. As letras que não podiam ficar eram como: g, t, q, v, f. Vi também que só poucas letras, como: o, e, a ficavam sozinhas. Tinha palavras de duas letras, não eram muitas.

Comprei um caderno e fui fazendo cópia das letras.

Um dia fiquei sabendo que o meu nome estava todo escrito na identidade. Minha namorada me mostrou onde estava o nome e eu fiquei escrevendo o meu nome até sabe ele todo de cor.

Comecei a achar pedaço de meu nome em todo jornal que pagava. Um dia achei Antônio inteiro lá, no retrato de um homem que parecia muito importante. Já tinha visto ele na televisão.

Agora, eu aprendi mesmo, foi quando fiquei olhando pras placas. Na minha obra, tinha o nome da construtora **SEABRA. BRASIL** era o nome que estava no caderno que eu comprei. **BRASIL** e **SEABRA** ficavam muito parecidos quando estavam escritos. Do jeito que começa o **BRASIL** acaba **SEABRA**.

Fui aprendendo lê e escrevê uma porção de nomes: Antônio, Brasil, Seabra, Casa, São Paulo, Rua, Avenida, Santana, Ceará, Maria.

Fui tentando um pouquinho aqui, olhando o que já sabia, fazendo uma perguntinha ali e de repente foi como um susto porque estava lendo tudo, tudo. Fiquei tão satisfeito que escrevi uma carta pra minha mãe que mora no Ceará”.

Agora reflita: qual a importância de Antonio ter entrado em contato com os textos que encontrava no jornal e com as placas e cartazes em seu local de trabalho? Saber a grafia do próprio nome ajudou a compreender o funcionamento da escrita? Por quê?

No momento em que os educandos estão aprendendo a escrever, qual a importância de usarmos palavras que eles já conhecem e significativas para eles?

Discuta essas questões com seus colegas de trabalho.

3.2. O que é preciso saber sobre o funcionamento da escrita

No início da alfabetização, jovens e adultos produzem textos que não seguem os padrões convencionais. Aos olhos de pessoas leigas, fazem coisas que parecem não ter sentido: escrevem pulando letras, escrevem como falam, escrevem as palavras grudadas, não usam pontuação, muitas vezes ocupam o papel inadequadamente.

Essas escritas, na verdade, seguem padrões próprios. Estão baseadas nas reflexões que esses jovens e adultos fizeram em seu contato cotidiano com a escrita. À medida que recebem orientação dos educadores e analisam suas produções e as dos colegas, aos poucos passam a dominar os mecanismos da escrita.

Na aprendizagem da escrita, um passo importante é perceber que as letras representam os sons da fala. Alguns educandos não têm isso muito claro quando iniciam a alfabetização. Sabem que as letras são usadas para escrever. Acreditam que para escrever é preciso uma quantidade mínima de letras e uma certa variedade entre elas. Conhecem como dispor o texto no papel. Podem, como no exemplo abaixo, escrever usando muitas letras, sem fazer a devida correspondência com a sonoridade.

JCIX
SECORTIEN
SOXS EUA
CETCRJ

APRENDER A LER.
gosto dos
colegas, gosto do
colégio e quero
aprender a ler

Sandra Regina dos Santos
18 anos

Quando percebem que cada pedaço da fala (sílabas) corresponde a um pedaço de escrita, muitos jovens e adultos começam a escrever procurando fazer essa correspondência. Alguns, entretanto, não percebem ainda que o

pedaço que escutam na fala pode corresponder a mais de uma letra. Então, produzem escritas usando só uma letra para cada sílaba, como no exemplo abaixo:

JoE mo Jomana EJo u
JOSÉ MATOU JULIANA E JOÃO

Rute de Souza
36 anos

Depois, à medida que observam e analisam sua escrita e a dos colegas, com a orientação dos educadores e com o apoio em outras referências e materiais impressos, os jovens e adultos vão percebendo que precisam acrescentar letras para representar as sílabas das palavras. Suas escritas passam a evidenciar esse esforço de incluir mais letras para representar cada sílaba que identificam:

ETUO É IPORTE
OPEDERO LE E ESCRVE É MUTO BO
PER ESREVE ME NO ECOTADO
Voa OULA C MUA YOTADO CO MUTA
OLEIA FA FATO ETUO
PERO CER POFESOR OU MECACO
JOTO MUTO DE ETUDAR

Bolivar Roberto Rodrigues Pereira

Bolivar Roberto Rodrigues Pereira
22 anos

Tendo como referência outros modelos e a análise dos próprios trabalhos, os jovens e adultos modificam suas hipóteses e passam a dominar o mecanismo básico do funcionamento da escrita.

Ainda percorrerão um longo caminho até se apropriarem de aspectos convencionais

da escrita, como a ortografia, a segmentação adequada de textos e palavras ou ainda o uso de sinais de pontuação.

Porto Alegre 21 de maio de 1998

Querida Adriana

No dia dos namorados quero fazer você feliz.

- Nãois sempre junto e felis.
- que você é tudo para mi.
- No dia que nos casarmos fique a parizerado

☛ Você nasceu para mi ☛

☛ eu nasci para você ☛

Everson Soares Sobrinho

Everson Soares Sobrinho
21 anos

Nessa etapa, começarão a identificar as irregularidades da ortografia e se darão conta das diferenças entre a escrita e a fala. Por esse motivo, é muito importante que desde o início da alfabetização os educadores leiam em voz alta para seus educandos. Assim, eles terão mais facilidade para se acostumar com as características dos diferentes tipos de texto.

3.3. O que esperar do programa MOVA

Falar, ler e escrever são habilidades que podemos aperfeiçoar ao longo de toda a vida. Por isso, é difícil estabelecer um marco que delimite com precisão um ponto de chegada. Atualmente, sabemos que para uma pessoa usar a escrita com autonomia, de maneira a desenvolver mecanismos que a levem a continuar aprendendo, ela precisa passar por um

longo período de aprendizagem e busca de informações. Em termos ideais, que pelo menos tenha completado o ensino fundamental.

É possível, entretanto, estabelecer algumas aprendizagens mínimas que os educandos deste programa devem desenvolver. As metas são as seguintes:

EM RELAÇÃO À LINGUAGEM ORAL:

- aperfeiçoar recursos expressivos para falar com mais desenvoltura perante o grupo;
- argumentar em defesa de suas idéias;
- expor dúvidas e identificar as diferentes opiniões expressas pelos colegas.

EM RELAÇÃO À ESCRITA:

- apropriar-se do sistema de representação da escrita, ainda que cometa muitos erros de ortografia;
- escrever textos legíveis e que comuniquem idéias, sentimentos e pontos de vista. Os textos ainda terão problemas de pontuação e terão muitas características que marcam a linguagem oral, como a repetição de palavras e idéias.

EM RELAÇÃO À LEITURA:

- desenvolver uma atitude favorável em relação à leitura e escuta de textos;
- identificar os tipos de textos mais usuais;
- relacionar o formato dos textos com seu conteúdo e intenções comunicativas;
- usar estratégias de leitura, como a capacidade de antecipar o conteúdo do texto a partir do título ou das ilustrações;
- compreender textos lidos em voz alta pelo educador;
- ler e compreender textos que tratam de temas familiares e assuntos de seu interesse, demonstrando essa compreensão por meio da exposição oral das idéias principais.

4. As situações de aprendizagem na educação dos jovens e adultos

Antes mesmo de ingressarem na escola, jovens e adultos possuem conhecimentos, pontos de vista, procedimentos, habilidades, crenças e valores. Tais aprendizagens são frutos das interações nas quais tomaram parte ao longo da vida. Fazem parte das respostas que criaram para lidar com as inúmeras demandas do dia-a-dia.

Na educação de jovens e adultos, não é nova a percepção de que as pessoas são portadoras de cultura e de que dominam uma série de conhecimentos. Isso traz algumas implicações para os educadores. A primeira delas é a de tomar, como ponto de partida, os saberes e conhecimentos que o educando já tem, que ele traz da sua vivência em família e em sociedade.

É assim que aprendemos: estabelecendo relações entre o que já sabemos e o novo que se apresenta. Testamos e comparamos o que já sabemos e, a partir das novas experiências de aprendizagem, verificamos a necessidade de modificar, aprimorar ou substituir nossos conhecimentos e saberes.

Também é assim quando o assunto é aprender a ler e a escrever. Ler e escrever se aprende lendo e escrevendo. São aprendizagens distintas, que exigem diferentes habilidades e conhecimentos. O ponto de partida será sempre o conhecimento que os educandos já possuem, bem como as representações e habilidades de uso da escrita já desenvolvidas.

À medida que jovens e adultos se defrontam com situações onde colocam em jogo o que já sabem, reorganizam essa bagagem e podem receber novas informações dos educadores e dos colegas.

Desde o começo, o educando deve entrar em contato com textos que expressem idéias, que tragam mensagens dirigidas a diferentes leitores. Devem ser textos “reais” e que comuniquem algo por escrito. Os textos precisam ser compostos de frases articuladas umas às outras. Precisam ser coerentes, conter mensagens organizadas e que produzam algum efeito sobre o leitor. Esses são os textos sociais, produzidos e veiculados de acordo com as situações de comunicação que ocorrem na sociedade.



Depoimentos

Quando o assunto é ler...

Leia alguns depoimentos⁶ de educandos que estudavam em um programa de educação de jovens e adultos. Eles contam sobre as estratégias que usavam para ler:

Amari havia iniciado seus estudos quando deu esse depoimento sobre como faz para ler: “Eu gosto de ler mais cartas e poesias. Tudo eu gosto de ler. Jornal eu leio assim só quando tem um jogo de futebol. Tem um jogo hoje, amanhã sai no jornal, já pego o jornal para ler. Para ver quanto foi o jogo e quem foram os jogadores que marcaram os gols. Às vezes, quantos gols eles marcaram eu já sei e também já sei qual o jogador que fez os gols. Assim, eu já consigo ler os nomes deles e tudo, porque sei do que está falando o jornal”.

Lúcia já freqüentava o curso de alfabetização a mais de um ano quando deu esse depoimento sobre o que gosta de ler: “Eu gosto de ler histórias de amor, poesia e jornal. Eu pego o jornal e fico lendo aqueles títulos que vêm assim: Fulano fez isso e isso. E assim: Ciclano vai ganhar as eleições. Eu só leio a primeira página, as manchetes”.

Josefa conta sobre as leituras que fazia quando estava aprendendo a ler, aos 12 anos: “Comecei a ler aos meus 12 anos, como eu já falei, eu sempre gostei de ler livros, sempre fui curiosa. Gostava desse negócio de ler revista de fofoca de novela. Então, quando eu comecei a ler, eu já gostava de ler eu queria saber tudo o que estava escrito ali. Eu lia uma linha, olhava letra por letra, era assim que eu tentava ler. Quando eu comecei a ler minhas primeiras palavras eu já queria saber o que estava escrito ali na revista e acabava lendo. Eu sempre tive aquela vontade de ler, ter aquela sabedoria”.

O que há de comum nos depoimentos de Amari, Lucia e Josefa? O que gostam de ler?

Mesmo antes de dominarem a escrita, essas pessoas já se aventuravam pelo mundo das letras, pois conheciam alguns tipos de textos. Gostavam de ler e o faziam com algum objetivo; procuravam temas e assuntos que conheciam.

Você já perguntou aos seus educandos o que eles acham da leitura? Se costumam ler ou ouvir pessoas lendo em voz alta? Quais materiais, temas e assuntos que gostariam de ler?

Essas informações podem ajudá-lo na organização de atividades para a turma, na seleção de materiais escritos, na escolha de textos e temas a serem abordados.

4.1. Orientações didáticas para ensinar a ler

É comum pensarmos que um conhecimento fundamental para ler é aquele que se refere à decodificação. Mas, ao ler, as pessoas colocam em jogo muito mais do que isso. No ato de ler estão envolvidos diversos conhecimentos que vão além de conhecer letras e relacioná-las aos sons que representam.

O ato de ler envolve as representações que temos sobre o que é ler, como ler, o que pode ser lido e que tipos de materiais e textos são valorizados socialmente.

É comum que os educandos se considerem pouco capazes de ler determinados textos. Eles trazem idéias de como se comporta um leitor e de como ele lê. Essas idéias são construídas nas experiências compartilhadas com leitores ou nas imagens veiculadas pelos meios de comunicação.

Depoimentos

Lucia conta nesse depoimento⁷ um pouco sobre como acha que as pessoas devem ler e como avalia sua capacidade de leitura: "A nossa família sempre foi católica, a gente sempre ia para a igreja, principalmente na época da quaresma. Era na igreja que a gente começava a ler para as pessoas. E eu começava, mas não saía direito eu engasgava. Às vezes ficava gaga. Aí tinha uma prima minha, quando ela começava a ler eu ficava encantada, parecia a coisa mais fácil do mundo para ela. Eu nunca me esqueço disso. Eu fiquei assim olhando para ela, porque eu queria aprender, mas eu não conseguia."

Para Lucia, um bom leitor é aquele que sabe ler textos em voz alta. Mas a leitura em voz alta é apenas uma forma de leitura, há muitas outras formas de ler. Há tantas maneiras de ler quantos forem os objetivos que guiam os leitores pelo mundo da escrita. Então,

além das representações das pessoas sobre o ato de ler, há também objetivos que guiam a leitura. As pessoas sempre lêem para algo: para agir, para divertir-se, para informar-se, entre tantas outras possibilidades.

Os objetivos do leitor determinam o que ler e como ler. Também determinam seus gestos, os objetos necessários para a leitura e os lugares adequados para realizar a atividade.

Quando lemos para estudar, é comum usarmos lápis ou caneta para marcar trechos do texto. Nessas ocasiões, permanecemos sentados, com o apoio de uma mesa e, em alguns casos, rodeados de outros materiais, como cadernos e dicionários.

Quando lemos com o intuito de preparar a receita de um bolo, é comum estarmos rodeados dos utensílios domésticos necessários à tarefa: panelas, tigelas, colheres, xícaras. Podemos ler a receita em pé e realizar as tarefas ao mesmo tempo em que progredimos na leitura.

O ato de ler também envolve conhecimentos diversos, em geral aqueles advindos de nossas experiências em práticas de leitura, nas quais lemos ou ouvimos textos escritos. Também mobilizamos saberes trazidos pela nossa história de vida, além de conhecimentos lingüísticos sobre o funcionamento do sistema da escrita, sobre o vocabulário, sobre os diferentes tipos de textos e os estilos de linguagem.

Por fim, restam as estratégias de leitura. Ao ler, antecipamos o que vamos encontrar no texto. Mobilizamos, para isso, tudo o que sabemos. Criamos hipóteses sobre o que se apresentará diante de nossos olhos.

A partir das hipóteses empreendemos a leitura, confirmando ou não a validade de cada uma delas. Estabelecemos relações entre o que está escrito e a nossa história de vida. Com isso, atribuímos significado ao que lemos.

AO ORGANIZAR SITUAÇÕES DE LEITURA, É PRECISO TER EM MENTE O SEGUINTE:

- é possível ler quando ainda não se sabe ler convencionalmente;
- para selecionar textos e materiais de leitura, um ponto de partida é conhecer as representações, interesses e gostos de leitura das pessoas que estamos educando. Ao começar seu trabalho com uma turma, procure conhecer suas histórias de vida, sobre as demandas de uso da escrita que têm no cotidiano, sobre os materiais impressos que possuem em casa, sobre os temas e assuntos de interesse geral
- é preciso estabelecer objetivos para a leitura. Os educandos devem sempre saber por que e para que vão ler. Ao organizar uma atividade, conte a eles o objetivo de leitura que irão perseguir: se vão ler ou ouvir um texto para obter novas informações, para conhecer outros modos de vida, para divertir-se e assim por diante;
- é preciso oferecer aos educandos diversos tipos de textos e de materiais impressos. Eles devem manusear, folhear, ler, ouvir, pesquisar. Para isso, organize em seu núcleo pequenas bibliotecas e acervos de materiais impressos doados, tais como folhetos, jornais, revistas, livros, cartazes com informações úteis. Na rotina de trabalho, deixe espaço para que diariamente leia em voz alta para sua turma e outros em que o educando escolhe livremente o que deseja ler;
- antes da leitura, é necessário mobilizar o que eles sabem sobre o assunto do texto e o tipo de texto que será lido. Ao organizar uma atividade de leitura, primeiro converse sobre o tema e descubra o que já sabem. Forneça novas informações que achar necessárias. Conte sobre o tipo de texto que será lido: uma notícia, um conto, uma poesia, a letra de uma música. Traga informações sobre o autor e onde o texto foi publicado. Crie expectativas sobre o que vão encontrar pela frente;
- durante a leitura, é preciso que os educandos tenham contato com o texto que será lido ou ouvido. Uma boa estratégia, mesmo no caso dos textos que serão lidos por você, é montar pastas de leituras ou fazer cópias do material e distribuir entre os educandos.
- é importante não trabalhar com as palavras de maneira isolada. Use-as como meio para que o educando, com sua atenção focalizada em uma unidade pequena do texto, reflita sobre as características da escrita;
- no momento em que lêem, favoreça a cooperação e a troca de conhecimentos entre os educandos. Promova atividades em duplas ou grupos, nas quais a troca de conhecimentos seja favorecida, onde os educandos possam expor idéias e debater pontos de vista. Com isso, eles podem socializar o que sabem, confrontar e pôr à prova suas estratégias, compartilhar significados e construir coletivamente sentidos para o texto lido;
- após a leitura, é importante que os educandos apresentem suas interpretações e sentidos que atribuíram aos textos. É o momento de destacar informações importantes, saber que tipo de relação estabeleceram entre o que sabiam e o novo conhecimento. É a hora de expor os diferentes significados dados à leitura. Uma boa estratégia é organizar rodas de leitura onde os educandos possam expor suas opiniões livremente, recontar textos, argumentar e defender posições, contar casos ou histórias relacionadas ao tema. É uma maneira de verificar como leram e o que compreenderam.

4.2. Orientações didáticas para ensinar a escrever

Ensinar a escrever implica aprendizagens diversificadas, tantas quantas forem os tipos de textos que se pretenda que o educando produza. Escrever um texto não é algo que se aprende e depois se transfere. Para aprender a escrever uma carta é preciso efetivamente escrever uma carta.

O mesmo acontece para qualquer outra situação envolvendo a escrita, seja para produzir um texto opinativo, seja para redigir uma receita culinária com etapas de desenvolvimento, seja para redigir uma autobiografia organizando os fatos marcantes numa sequência temporal.

Escrever significa usar a escrita para expressar conhecimentos, opiniões, necessidades, desejos e imaginação. Nessa aprendizagem, entra em jogo a disponibilidade de a pessoa se expor e criar algo novo. Temos que lançar mão de conhecimentos lingüísticos e da capacidade de nos apropriarmos criativamente dos modelos de textos disponíveis.

Os textos que os educandos encontram dentro e fora da escola são os modelos que usarão para aprender a escrever. No processo de aprendizagem, entretanto, os modelos não são simplesmente copiados. É preciso que o educando realize um trabalho de reelaboração. Para isso, devemos criar situações onde ele coloque em jogo o que sabe e possa mostrar o que fez. É importante que os educandos discutam entre si o que produziram e sintam a necessidade de melhorar sempre.

Uma boa forma de organizar o trabalho com a escrita é articulá-lo com atividades de leitura, dentro de uma mesma modalidade textual. Além da leitura, é preciso refletir os mecanismos que aqueles que escrevem lançam mão em seus textos, com vistas a

alcançar os objetivos que motivam a comunicação.

À medida que lêem e analisam modelos variados de cartas, por exemplo, os educandos podem ser encorajados a escrever suas próprias cartas. Inicialmente, precisarão bastante da ajuda do professor. Com o passar do tempo, conquistarão autonomia, irão fazer e refazer, reler, comparar. Finalmente, poderão enviar suas cartas e experimentar o prazer e o poder da escrita em situações reais de comunicação.

Cada texto que se escreve apresenta problemas distintos, que exigem diferentes estratégias, por exemplo, para lidar com a pontuação e com as distintas formas de expressão.

O educando deve tomar consciência da diversidade textual. Deve aprender a escrever textos em função de situações comunicativas particulares, segundo um objetivo, tendo como alvo um determinado destinatário e um lugar social onde o texto se tornará público.

Os jovens e adultos que estão nessa etapa da aprendizagem devem se confrontar com todos os desafios que qualquer um enfrenta ao escrever um texto, pensar:

- na mensagem a ser transmitida;
- quem é seu leitor e o que precisará saber;
- na linguagem e forma de apresentação mais adequada.

Em sala de aula, é preciso que escrevam textos e que sejam estimulados a revê-los constantemente, tendo o objetivo de adequá-los cada vez mais à intenção comunicativa.

Uma estratégia interessante é elaborar projetos de produção de textos onde tenham de escrever com objetivos e leitores reais, ligados ao seu dia-a-dia.

Os textos elaborados coletivamente podem ser de vários tipos: receitas, cartas, quadras populares, o registro de novas aprendizagens, a síntese de alguma discussão. É importante que o produto não se limite a uma justaposição de frases e idéias.

Durante sua elaboração, os educadores deverão intervir para que o texto seja coerente, tenha pontuação adequada e esteja grafado corretamente. Os textos coletivos podem posteriormente ser copiados pelos educandos, servindo de modelos para outras produções.

AO ORGANIZAR SITUAÇÕES DE PRODUÇÃO DE TEXTOS, É PRECISO TER EM MENTE O SEGUINTE:

- é possível produzir textos antes mesmo de saber a escrita convencional. A primeira atividade dos educandos pode muito bem ser usada para diagnosticar as necessidades de aprendizagem de cada um e também de toda a turma. Servirá como um ponto de partida para o planejamento de ações que levem os educandos a dominar elementos fundamentais da produção de determinado tipo de texto;
- é preciso planejar atividades destinadas à aprendizagem de determinado tipo de texto, respondendo progressivamente às dificuldades dos educandos. O objetivo será facilitar a tomada de consciência dos mecanismos e estratégias empregadas nos textos estudados;
- uma outra estratégia importante para o início do processo de alfabetização é a produção de textos coletivos: todos dão sugestões e o educador escreve no quadro-de-giz o que está sendo proposto. É uma maneira de mostrar aos educandos como planejar o texto escrito. Cabe ao educador questioná-los em suas escolhas, buscando com isso aperfeiçoar a reflexão. É uma excelente oportunidade para mostrar aos educandos as diferenças entre escrita e fala;
- a revisão é parte integrante do processo de produção de um texto. Todo autor revê o que escreveu e, durante a redação, pode ir transformando seu projeto inicial. Entre a primeira versão – o rascunho – e a versão final, é preciso um ou mais momentos de revisão e reescrita. Planejar atividades voltadas à reflexão dos educandos sobre seus próprios textos e sobre os textos dos outros, expondo esses textos em cartazes ou no quadro-de-giz, é uma boa maneira de ensinar a escrever.

5. Para saber mais

Alfabetização e leitura, de José Juvêncio Barbosa (editora Cortez, São Paulo, 1990).

O que está em jogo na aprendizagem da leitura? Essa é a questão que José J. Barbosa responde em seu livro. O autor divide seu texto em duas partes. Na primeira, discute a importância da alfabetização em sociedades como a nossa e apresenta um breve histórico das metodologias empregadas e materiais didáticos utilizados para alfabetizar. Na segunda, analisa o impacto da aquisição da escrita e a formação de leitores e de cidadãos.

Educação de jovens e adultos: uma proposta curricular para o primeiro segmento do ensino fundamental, organizado por Vera Masagão Ribeiro (Ação Educativa e Ministério da Educação, 1997).

Proposta curricular que abarca desde o histórico da educação de jovens e adultos no Brasil até as áreas curriculares e orientações de como ensinar nessa modalidade. Colabora para que educadores obtenham subsídios para elaborar projetos educativos e planos de aula voltados ao ensino de jovens e adultos.

Confabulando, historiando e poetizando, organizado por Vera Barreto (Vereda Centro de Estudos em Educação, 2001, livros do aluno e do educador).

Preocupado há muitos anos com o processo de formação de educadores de jovens e adultos, o Vereda Centro de Estudos em Educação elaborou e publicou em parceria com o Movimento de Educação de Base — MEB — uma coleção de materiais voltados a educadores e educandos desses programas. O livro traz coletâneas de textos e propostas de atividades com fábulas, contos tradicionais, depoimentos autobiográficos e poesias. O livro do educador abarca as especificidades do ensino e subsídios para a reflexão sobre

as práticas desenvolvidas em cursos para jovens e adultos.

Viver, aprender: educação de jovens e adultos, coordenado por Cláudia Lemos Vóvio, volume 1 (editora Global, 2002).

É um dos livros da coleção de materiais didáticos para educação de jovens e adultos elaborado por Ação Educativa. O livro 1 é adequado às turmas de alfabetização. Há um volume destinado aos alunos que trata de temas e conhecimentos adequados às necessidades de aprendizagem de jovens e adultos pouco ou não escolarizados. Além disso, há um volume destinado ao educador que aborda questões e as especificidades da alfabetização de jovens e adultos e traz inúmeras sugestões de atividades.

Concepções de escrita e alfabetização de adultos, de Angela Kleiman e Inês Signorini (Revista Pátio, nº 14, ago/out de 2000)

Preocupadas com as especificidades da educação de jovens e adultos, as autoras discutem diferentes concepções de alfabetização e oferecem orientações aos educadores para refletirem sobre as práticas de leitura e escrita que desenvolvem.

O conceito de letramento e suas implicações pedagógicas, de Vera Masagão Ribeiro, (Revista Pátio, n.24, nov./2002/jan./2003).

Nesse artigo, a autora define o que é letramento e quais as implicações decorrentes desse conceito para a prática pedagógica de educadores de jovens e adultos. Ao afirmar que não é a aprendizagem da escrita em si que transforma as pessoas, mas os usos que elas fazem desse instrumento, a autora aponta novas perspectivas para a reflexão sobre o papel da escola e das práticas que se desenvolvem em turmas de alfabetização.

Estratégias e leitura, de Isabel Solé (editora Arte Médicas, Porto Alegre, 1999).

O que acontece com nossas mentes diante dos textos? Como nos comportamos e o que nos guia nas diferentes leituras que realizamos? Como ensinar a ler? Essas são questões que estão presentes diariamente na vida de leitores e, mais especificamente, daqueles que alfabetizam. Neste livro você poderá refletir sobre esses aspectos e entrar em contato com as respostas que Isabel Solé formulou para essas e outras questões. Também poderá encontrar informações importantes para organização de situações de aprendizagem de leitura.

Letramento: um tema em três gêneros, de Magda Becker Soares (editora Autêntica e Ceale, Belo Horizonte, 1998).

Um novo termo que traz importantes implicações para se pensar o processo de aprendizagem da linguagem escrita, as políticas educacionais e as práticas sociais de uso da linguagem escrita: letramento. Esse conceito é abordado neste livro de três diferentes formas: em três textos, destinados a leitores variados e com funções distintas.

Alfabetização de jovens e adultos: leitura e produção de textos, de Marta Durante (editora Artes Médicas, Porto Alegre, 1998).

A autora toma o texto como a unidade de ensino da Língua Portuguesa. Traz orientações para a organização do processo de ensino aprendizagem da linguagem escrita para jovens e adultos e apresenta exemplos de projetos de produção de textos.

Rede de Apoio a Ação Alfabetizadora do Brasil

A Rede é formada por pessoas, grupos e organizações atuantes na educação de jovens e adultos. A RAAAB e seus filiados entendem a alfabetização e a educação básica de jovens e adultos como direitos humanos fundamentais e elementos cruciais para a construção da cidadania e de uma sociedade democrática.

Principais atividades da RAAAB:

- Mobilização, intercâmbio de experiências e formação de educadores.
- Acompanhamento e fortalecimento dos Fóruns de Educação de Jovens e Adultos nos diferentes estados e municípios.
- Articulação, fórum eletrônico, para Intercomunicação dos filiados.
- Disseminação de subsídios teórico-metodológicos e registros de experiências em alfabetização e educação básica de jovens e adultos por meio da revista Alfabetização e Cidadania.

Entre em contato com o Instituto Paulo Freire, Rua Cerro Corá, 530, 2º andar, cj. 22 - CEP 05061-100, São Paulo - SP - telefone: (11) 3021-5536 – e-mail: ipf@paulofreire.org, conheça o site: www.raaab.org.br

Notas

- 1 Os depoimentos de Roberto e Amauri foram retirados de *Textos narrativos orais e escritos produzidos por jovens e adultos em processo de escolarização*, de Cláudia L. Vóvio (dissertação de mestrado da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, em 1999).
Os depoimento de Luzia foi adaptado do texto *O lugar dos livros*, de Luzia Alves, publicado em *Historiando*, organizado por Vera Barreto (Vereda Centro de Estudos em Educação, 1994).
Os depoimento de Sofia e Francisca foram retirados do livro *Viver, aprender*, volume 2, coordenado por Claudia Vóvio (Editora Global, 2002).
- 2 Para saber mais sobre os resultados de campanhas nacionais e internacionais ver o livro *Alfabetismo e atitudes*, de Vera M. Masagão Ribeiro (Papirus, 1999).
- 3 Retirado de: M. McLaughin e M. E. Vogt. *Portfolios in teacher education*. Newark (EUA) : International Reading Association, 1996. Citado no livro de Magda Becker Soares: *Letramento: um tema em três gêneros*. (Belo Horizonte : Autêntica, 1998. p. 41-42).
- 4 Retirado do livro de Magda Becker Soares, *Letramento: um tema em três gêneros*. (Belo Horizonte : CEALE, Autêntica, 1998. p. 97).
- 5 Texto transcrito do relato de Antônio Costa de Abreu, publicado em *Poetizando*, organizado por Vera Barreto (Vereda Centro de Estudos, 1994).
- 6 Depoimentos retirados de *Textos narrativos orais e escritos produzidos por jovens e adultos em processo de escolarização*, de Cláudia L. Vóvio (dissertação de mestrado da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, em 1999).
- 7 Depoimento retirado de *Textos narrativos orais e escritos produzidos por jovens e adultos em processo de escolarização*, de Cláudia L. Vóvio (dissertação de mestrado da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, em 1999).
- 8 SEJA. *Palavra de trabalhador*. Secretaria Municipal de Educação, SEJA : Porto Alegre, 199X. (vol. 7, 8 e 9).

6. Referências

- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo : Cortez, 1997.
- **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1987.
- KLEIMAN, Angela; SIGNORINI, Inês (orgs.) **Alfabetização de jovens e adultos: ensino e formação**. Porto Alegre : Artmed, 2001.
- RIBEIRO, Vera M. Masagão (org.). **Educação de jovens e adultos: uma proposta curricular para o primeiro segmento do ensino fundamental**. São Paulo: Ação Educativa, Brasília : MEC, 1997.
- RIBEIRO, Vera M. Masagão. **Alfabetismo e atitudes**. Campinas : Papyrus, 1999.
- RIBEIRO, Vera M. Masagão. **O conceito de alfabetização**. São Paulo: Ação Educativa, 2000, mimeo.
- SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DA BAHIA. **Para ler e escrever: orientações para o alfabetizador**. Salvador : Secretaria da Educação, Superintendência de Desenvolvimento Educacional, 1999.
- SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DA BAHIA. **Para ler e escrever II: orientações para o alfabetizador**. Salvador : Secretaria da Educação, Superintendência de Desenvolvimento Educacional, 2000.
- SOARES, Magda B. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte : CEALE, Autêntica, 1998.
- VÓVIO, Cláudia L. **Textos narrativos orais e escritos produzidos por jovens e adultos em processo de escolarização**. São Paulo, Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, dissertação de mestrado em 1999.
- VÓVIO, Cláudia L. (coord.). **Viver, aprender: educação de jovens e adultos (volume 1)**. São Paulo : Global, 2002.